



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**



**CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE -- CAMPUS CUITÉ**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

**COM ÊNFASE EM ECONOMIA SOLIDÁRIA NO SEMIÁRIO PARAIBANO**

UFCG/BIBLIOTECA

**AS DIFICULDADES DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE  
JOVENS E ADULTOS E A ECONOMIA SOLIDÁRIA**

**MARIA CRISTINA DOS SANTOS**

**CUITÉ-PB**

**2013**

## AS DIFICULDADES DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A ECONOMIA SOLIDÁRIA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com ênfase em Economia Solidária no semiárido paraibano oferecido pela Universidade Federal de Campina Grande, sob a Orientação do Prof. Dr. Ramilton Marinho Costa.

CUITÉ-PB  
2013

CE  
380.273  
S237j



Biblioteca Setorial do CES.

Julho de 2021.

Cuité - PB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE  
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

S237d Santos, Maria Cristina dos.

As dificuldades dos professores da educação de jovens e adultos e a economia solidária. / Maria Cristina dos Santos – Cuité: CES, 2013.

29 fl.

Monografia (Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano) – Centro de Educação e Saúde / UFCEG, 2013.

Orientador: Dr. Ramilton Marinho Costa.

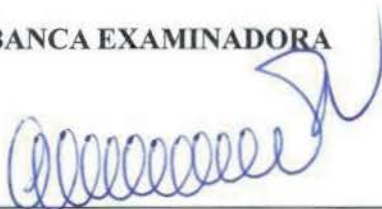
1. Economia solidária. 2. Educação de jovens e adultos. 3. EJA – dificuldades - professores. I. Título.

CDU 330.873

MARIA CRISTINA DOS SANTOS

**AS DIFICULDADES DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE  
JOVENS E ADULTOS E A ECONOMIA SOLIDÁRIA**

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Ramilton Marinho Costa (CES-UFCG)  
(Orientador)



---

Prof. Dr. José Carlos Oliveira Santos (CES-UFCG)  
(Examinador)



---

Prof. Dr. José Justino Filho (CES-UFCG)  
(Examinador)

UFCG/BIBLIOTECA

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ser minha fortaleza.

A minha mãe Elísia Trindade, pela força que me dá em tudo que faço.

Aos meus filhos que sempre me apoiaram.

Aos meus professores e colegas que me acompanharam nessa jornada.

Aos colegas de trabalho Clarissa, Josenida Lima e Moises Pereira que contribuíram para realização desse estudo.

E a minha amiga Iraneide.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe por ela ser a minha inspiração de vida.

A Deus que me dá sabedoria e perseverança nas minhas lutas diárias.

A minha neta Ester que enche meus dias de alegria.

## RESUMO

O presente trabalho intitulado as dificuldades dos Professores da Educação de Jovens e Adultos e a Economia Solidária têm como objetivo mostrar os desafios encontrados pelo educador de Jovens e Adultos. Estes desafios estão diretamente ligados a formação do educador, ao processo burocrático no qual está inserido e sua própria clientela. Neste trabalho focalizaremos as dificuldades enfrentadas pelo professor no que diz respeito ao processo ensino aprendizagem dos jovens e adultos, cuja realidade histórica e social já é em si problemática.

**Palavras- chave:** Educação de jovens e adultos. Dificuldades. Ensino aprendizagem.

UFCG/BIBLIOTECA

**ABSTRACT**

This work Difficulties Teacher Education for Youth and Adults and Solidarity Economy aims to show the challenges faced by educators of youth and adult education, challenges which are directly linked to teacher education as well as to the student and the bureaucratic process that also contributes to the failure of the teacher. But what will be crimped in this work are the difficulties faced by the teacher in relation to the teaching and learning of young adults since the historical and social reality of these also interfere in this issue.

**Keywords:** Education of youth and adults. Difficulties. Teaching and learning.



## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1 Modalidades do EJA.....	13
2.2 Métodos de Avaliação.....	14
2.3 O Educador e suas dificuldades com o EJA.....	14
2.4 Pensando a Educação de Jovens e Adultos na perspectiva Solidária.....	16
2.5 Economia Solidária.....	18
2.6 Economia Solidária no Brasil.....	21
3 METODOLOGIA.....	22
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
5.1 Como trabalhar a Educação Solidária na Educação de Jovens e Adultos.....	26
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28

## 1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos, doravante EJA, no Brasil se constitui muito mais como produto da miséria social do que do desenvolvimento da Nação. São consequências dos males do sistema público regular de ensino e das precárias condições de vida da maioria da população, que acabam por condicionar o não aproveitamento da escolaridade na época apropriada. Uma massa considerável de excluídos do sistema formal de ensino, por se encontrar em condições de vida precárias ou por ter tido acesso a uma escola de má qualidade ou, então, por não ter tido acesso a escola, se defronta com a necessidade de realizar sua escolaridade, já adolescentes ou adultos, para sobreviver em uma sociedade onde o domínio do conhecimento ganha cada vez mais importância. Os principais aspectos que caracterizam a clientela que procura a EJA de nível básico são os seguintes:

- a) São alunos oriundos de classe trabalhadora, vivendo grande parte deles de subemprego ou desempregados;
- b) Procuram a escola com aspiração de galgar melhores possibilidades de emprego;
- c) São marginalizados pela escola e marcados por uma história de entradas e saídas de cursos supletivos anteriores, por motivos que variam desde os de ordem pessoal, como cansaço após a jornada de trabalho, desestímulo, alimentação deficiente, até os que dizem respeito ao sistema educacional, tais como metodologia e recursos dialéticos inadequados;
- d) São pessoas que, apesar de todas as carências citadas possuem experiência de vida, que lhes permitem sobreviver em meio às dificuldades, que para muitos seriam intransponíveis;
- e) Possui uma forma própria de aprendizagem, um saber próprio resultantes de experiências desenvolvidas ao longo da vida, pelo fato de dedicarem-se muito cedo a uma atividade produtiva.

A EJA, como processo diferenciado em relação à educação de crianças, necessita de elementos apropriados para atender às peculiaridades típicas do processo; esses elementos podem ser especificados nas seguintes categorias, a saber: professores, ambiente físico, programas (conteúdos), metodologia própria. É nesse espaço que o educador pode melhor exercer a função social e política do seu trabalho na Educação de Jovens e Adultos. No trabalho cotidiano do professor, nas situações que enfrenta no dia a dia, nos conteúdos que trabalha em sala de aula, na forma de se relacionar com os alunos é que se encontra a maior fonte para suas reflexões, para compreensão de seu papel e para repensá-lo de sua própria

atuação. Em função de suas múltiplas responsabilidades frente a esta modalidade educacional específica, o educador de jovens e adultos deve fazer, regularmente, uma revisão crítica de sua própria atuação, permitindo que os principais interessados, que são os alunos, manifestem suas opiniões a respeito do que se tem construído em sala de aula, a partir desta interação entre educador e educando. A formação profissional, pensada em termos de desenvolvimento de competências, surge nesse quadro de compreensão da complexidade do trabalho pedagógico em sala de aula, do atendimento à diversidade dos alunos, na escola como um todo e na relação da escola com a comunidade à qual ela atende.

Este trabalho tem por objetivo pesquisar e analisar dificuldades encontradas em sala de aula pelos educadores da Educação de Jovens e Adultos. A investigação e o interesse em desenvolver esse tema surgiu através da minha experiência com o referido processo e também após observar as inquietações dos professores da escola pesquisada.

Para alcançar tal objetivo, este trabalho se divide da seguinte forma:

A respectiva introdução, a fundamentação teórica composta por: Modalidade da EJA;; Métodos de Avaliação Material, O Educador e suas Dificuldades com a EJA; Pensando a Educação de Jovens e Adultos na perspectiva da Economia Solidária; A metodologia onde consta o público-alvo e o histórico da escola; A análise dos resultados.

Concluindo o estudo, serão feitas as considerações finais e, na ordem, estão relacionadas as referências que serviram como apoio teórico para concretização da pesquisa.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### Educação de Jovens e Adultos (EJA)

A Educação de Jovens e Adultos que, a partir da Lei 9.394/96, se regulariza e supera antigo ensino supletivo de proposição de um currículo escolar aligeirado e homogêneo, configura-se sob a ótica de um projeto educacional mais amplo (MOLL, 2004) e inovador, porque passa a se constituir como modalidade específica de Educação Básica que atende aqueles que tiveram negada a experiência educacional na infância ou adolescência pelos mais diversos fatores. As práticas pedagógicas desenvolvidas na EJA, em sua maioria, também sofrem modificação e passam a poder envolver ainda mais a experiência do educando como ponto de partida para o desenvolvimento do ensino formalizado. Como comenta Freire (2006, p. 15): “O conceito de Educação de Adultos vai se movendo na direção de Educação Popular na medida em que a realidade começa a fazer algumas exigências à sensibilidade e à competência científica dos educadores e das educadoras”. Percebe-se que os conteúdos trabalhados com a população atendida na EJA precisam ter relação com seu cotidiano, pois o processo educativo desenvolve-se entre sujeitos com diferentes trajetórias, histórias e experiências de vida. Logo “Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e adultos, [...] oportunidades educacionais apropriadas [...]

Porém, está longe de alcançar a atenção que realmente merece, sobretudo, no que se refere às oportunidades apropriadas ou conclusões adequadas para atuarmos com eficiência no ensino de jovens e adultos.

Como professora atuante do Ensino Médio na modalidade EJA desde 2009 confesso que gosto bastante especificamente com o público da EJA, porém não posso negar que enfrentamos sérias dificuldades que já deveriam ter sido somadas.

O primeiro grande problema que encontramos refere-se ao fato de não termos formação adequada, principalmente, no tocante a demarcação do currículo. O sistema de ensino não tem um profissional capacitado/treinado para auxiliar/orientar o professor nessa jornada. Dessa forma, o que nos resta é a experiência adquirida ao longo do tempo através da própria prática pedagógica.

Um dos casos mais críticos, na minha concepção, é a falta de material/livros didáticos para trabalhar/ensinar na EJA. Além do tempo que já é limitado para trabalhar/abordar o conteúdo, esbarramos nos livros didáticos do ensino regular e o trabalho

acaba se tornando mais árduo. Visto que começa uma pesquisa minuciosa selecionando o conteúdo mais relevante entre outros. Porém, nem sempre é possível utilizar o livro do Ensino Regular, pois os alunos “levam os livros para casa”. Quando restam alguns exemplares cria-se o banco de livros na Biblioteca, fato/atitude essa que não soluciona o problema uma vez que na maioria dos casos forma-se mais de uma turma por série. A solução acaba sendo a utilização do quadro embora prejudique ainda mais o pouco tempo para abordar todos os conteúdos.

A preparação de apostilhas sempre é cogitado, mas os alunos apresentam resistência em consequência de dois motivos óbvios: bastante compreensíveis: Se levarmos em consideração que terão que xerocar, o custo final pesará financeiramente no orçamento dos alunos; e a pergunta que não quer calar: por que disponibiliza-se livros para o regular e o alunado da EJA se veem obrigados a comprar? Injusto não?!

Pensando no Ensino da Língua Portuguesa especificamente no ensino de Literatura e compreensão de textos que exige o trabalho/a leitura de textos a situação se agrava e o trabalho em sala de aula se torna mais difícil, pois nem sempre o professor tem condições de oferecer o material necessário para os alunos.

A Educação de Jovens e Adultos deve ser tratada juntamente com outras políticas públicas e não isoladamente.

Mesmo reconhecendo a disposição do governo em estabelecer uma política ampla para EJA, especialistas apontam a desarticulação entre as ações de alfabetização e de EJA, questionando o tempo destinado à alfabetização e à questão da formação do educador. A prioridade concedida ao programa recoloca a educação de jovens e adultos no debate da agenda das políticas públicas, reafirmando, portanto, o direito constitucional ao ensino fundamental, independente da idade. Todavia, o direito à educação não se reduz à alfabetização. A experiência acumulada pela história da EJA nos permite reafirmar que intervenções breves e pontuais não garantem um domínio suficiente da leitura e da escrita. Além da necessária continuidade no ensino básico, é preciso articular as políticas de EJA a outras políticas. Afinal, o mito de que a alfabetização por si só promove o desenvolvimento social e pessoal há muito foi desfeito. Isolado, o processo de alfabetização não gera emprego, renda e saúde. (VIEIRA, 2004, p. 85-86).

Apesar do grande número de analfabetos (14 milhões segundo o IBGE) e das dificuldades enfrentadas pela EJA ao longo da trajetória percorrida, seu objetivo é permitir o acesso de todos à educação, independente das diferenças que cercam esse grupo. Além da

necessidade das políticas públicas para erradicar o analfabetismo, é preciso que todos colaborem para a inclusão desses sujeitos, porque a educação é direito de todos.

Assim, pensar sujeitos da EJA é trabalhar para, com e na diversidade. A diversidade é constituída das diferenças que distinguem os sujeitos uns dos outros – mulheres, homens, crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, pessoas com necessidades especiais, indígenas, afro descendentes, descendentes de portugueses e de outros europeus, de asiáticos, de latino-americanos, entre outros. A diversidade que constitui a sociedade brasileira abrange jeitos de ser, viver, pensar e agir que se enfrentam.

## **2.1 Modalidade da EJA**

Na verdade, a realidade que nós, professores, vivenciamos no decorrer dos últimos quinze anos nos leva a conviver com dificuldades das mais variadas em todo o ensino nas escolas brasileiras.

Mas aqui abordaremos de forma específicas dificuldades inerentes à modalidade de ensino para jovens e adultos, o que denominamos de EJA, mas propriamente no ensino médio.

Entendemos que a criação da modalidade EJA surgiu da intenção de governos em oferecer àquelas pessoas que estavam ou estão fora da faixa etária, a oportunidade daquelas concluírem seus estudos no médio numa condição de melhor oportunidade e favorecimento, no bom sentido, na busca de uma formação intelectual, como também alcançar um grande número de pessoas em tais condições e com isto aumentar os índices de conhecimento dos jovens.

No entanto, no decorrer dos anos, e pela incompetência dos governos através de seus órgãos de administração, vimos na realidade um quase que total descaso para com esta modalidade de ensino. E que no dia a dia transformou-se numa culpa coletiva.

Para tanto, vamos considerar os três segmentos da escola quais sejam direção, professores e alunos.

Quanto á direção, vemos que grandes partes das direções das escolas não têm um preparo técnico para trabalhar com esta modalidade de ensino o que acarreta dificuldade no dia a dia dos professores em lidar com os problemas.

## 2.2 Métodos de Avaliação

Assim como entendemos a necessidade de uma metodologia de ensino e conteúdo diferenciado, notamos as necessidades de métodos de avaliação diferenciados.

Não adianta buscamos um novo método para aplicação de conteúdo e não pensá-lo no tocante á avaliação. O método usual de avaliação utilizado nas escolas me parece questionável diante do ensino na EJA. Diferenciar através da quantidade de provas eu “facilidade” na cobrança de conteúdo não representa uma mudança em adaptação válida à pedagogia planejada. Seria interessante algo que poderia ser feito durante a capacitação do educador conhecer e aplicarmos metodologias avaliativas pensadas e planejadas em acordo com o perfil do nosso alunado.

A proposta de ensino para EJA me parece uma oportunidade fundamental para alavancar a educação do nosso país, no entanto, uma nova metodologia necessita de fundamentais efetivas de viabilização, através de um planejamento pedagógico, didático e da preparação / reciclagem de professores, além de outras modificações possíveis.

## 2.3 O Educador e suas Dificuldades com a EJA

Realizar um trabalho de alfabetização de jovens e adultos, não é uma tarefa simples. Há uma complexidade neste processo, pois, envolve muitas questões diferenciadas no que se refere à educação de crianças e adolescentes. O professor, através de seus estudos (Ensino Superior) procura a teoria e prática que o ajudará no processo educacional, ou seja, no ensinar. Vive um período médio de quatro anos buscando através dos estudos uma formação que o habilite a trabalhar numa sala de aula. Depois, de sua formação geralmente, o professor vai ter sua primeira experiência boa à educação infantil, ensino fundamental I, ensino fundamental II ou ensino médio. Muitas vezes, o professor, sai de uma realidade que vivenciou por anos (educação infantil, fundamental I e II e ensino médio), ou seja, está acostumado com ela, e parte para uma situação nova (educação de jovens e adultos), totalmente diferente da qual, vivenciou num período longo. Então, uma das primeiras dificuldades do professor, é o adaptar ao novo, a um mundo diferente. Assim, a dificuldade do educador está relacionada ao ensino de pessoas que buscam não apenas uma educação formal, mas, uma esperança de melhorias para o seu contexto de vida. E esse tipo educação não está presente no currículo inerente à formação de um educador. O educador se depara com jovens e adultos que muitas vezes depois de um dia cansativo de trabalho, vai à escola em busca da

aprendizagem. São contextos culturais totalmente diferentes, idades totalmente diferentes, mundos totalmente diferentes. Moacir Gadotti declara no mínimo, esses educadores precisam respeitar as condições culturais do jovem e do adulto analfabeto. Eles precisam fazer o diagnóstico histórico-econômico do grupo ou comunidade onde irão trabalhar e estabelecer um canal de comunicação entre o saber técnico (erudito) e o saber popular. Pedro Demo continua (2002, p.17). Supõe que o professor se interesse por cada aluno, busque conhecer suas motivações e seus contextos culturais, estabeleça com ele um relacionamento de confiança mútua, tranquila, sem decair em abusos e democratismos. Trata-se sempre de aprender junto, instituindo o ambiente de uma obra comum, participativa. A experiência do aluno será sempre valorizada, inclusive a relação natural hermenêutica de conhecer a partir do conhecido. O que se aprende na escola deve aparecer na vida. Uma das primeiras dificuldades apresentadas pelos alunos com os quais ele trabalhará em sala de aula. Devido à preocupação e ansiedade para trabalhar os conteúdos propostos com esses alunos, o professor acaba desconsiderando seu conhecimento prévio. Diante dessa situação, o docente deve refletir sobre o contexto cultural no qual o aluno está inserido, ou seja, trabalhando, para que haja compreensão da realidade no que se refere ao ensinar o conteúdo (currículo formal) e relacioná-lo ao contexto existente na sala de aula.

Outra questão é o relacionamento que esses educandos esperam desenvolver com o educador. Buber (1959, apud FAZENDA, 2003, p. 38) “coloca que a verdadeira relação educador só é possível na amizade...” e continua o “educador, guardando seu próprio lugar, do fundo do seu ser, se coloca também ao lado do aluno, vis-a-vis”. Assim, compreende-se que os educandos imersos em seus conflitos diários, buscam a liberdade de sua realidade de discriminação que vivenciam constantemente através de um contato amigável com o docente que ajudará a despertar o interesse pelos processos ensino aprendizagem. Caso haja dificuldades por parte do docente para alfabetizar, e se relacionar com o discente, esse sentirá desconforto e desânimo para prosseguir na sua luta em busca da liberdade e melhorias para sua vida. Ao alfabetizar um jovem ou adulto, outra dificuldade, é a baixa auto-estima que esse aluno traz consigo pela discriminação que vivencia na sociedade a qual está inserido, com isso, sente-se muitas vezes incapacitado a aprender o conteúdo ensinado. Dessa maneira, o professor terá um desafio em incentivar o aluno ao interesse pela participação e interação no processo-ensino aprendizagem. Ensinar sempre será um trabalho exaustivo, os professores estão envolvidos em centenas de interações, em circunstâncias potencialmente geradoras de tensão. A qualquer momento você tem um contato bastante íntimo, dia-a-dia, com um grande número de jovens e crianças, em uma sociedade bastante complexa; tudo isso é um desafio



mesmo para os professores mais dinâmicos. (FULLAN; HARGREAVES, 2000, p. 129). Diante dessas situações, percebe-se que o educador encontra muitas dificuldades no processo ensino-aprendizagem, ou seja, na educação de jovens e adultos. Muitas vezes, vão para a sala de aula, sem ter uma capacitação anteriormente. Encontram desafios no próprio ambiente escolar. E aos poucos, vão se habituando à realidade vivida, adquirindo experiência. Mas, enquanto adquirem experiência, enfrentam situações que poderiam ser amenizadas caso tivessem maior apoio administrativo. Muitas vezes, vivenciam essas inquietações tentando resolvê-las individualmente. Pimenta e Anastasiou (2002, apud BELO, 2005, p. 38 e 39) comenta: Em que pese à importância dessas demandas. Não se pode exigir que os professores individualmente as atendam. Espera-se, pois, que, coletivamente, apontem caminhos para o enfrentamento dessas exigências. É nesse contexto que se faz necessário ressignificar a identidade do professor. O ensino, a atividade, característica dele, são práticas sociais complexas, carregadas de conflitos de valores, que exige posturas éticas e políticas. Ser professor requer saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade, indagação teórica e criatividade para encarar as situações ambíguas, incertas, conflituosas e por vezes, violentas no contexto escolar. Ao examinar a situação vivida por educadores, educandos e demais profissionais que atuam na educação de jovens e adultos, cabe a análise para repensar e reconstruir a prática pedagógica inerente no ambiente educacional e prática administrativa inerente os órgãos públicos, no sentido de melhorar a valorização e o processo educacional para os jovens e adultos, sujeitos discriminados na sociedade, quando rotulados analfabetos sem oportunidade de ingressar numa instituição de ensino, e como Paulo Freire no livro *Pedagogia do Oprimido*, classe oprimida, que quando buscam inserção no processo educacional referente ao ensino aprendizagem, estão buscando a liberdade dessa classe. Através na sociedade em que está inserida. Da mesma maneira, o educador também melhora sua autoestima, diminui sua ansiedade e insegurança com respeito à realização do trabalho, sentindo-se um verdadeiro educador de jovens e adultos.

#### **2.4 Pensando a Educação de Jovens e Adultos na perspectiva da Economia Solidária**

Para Arruda (2005), a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é coisa de países pobres ou empobrecidos. Ela existe porque existem excluídos, porque existem crianças cujo direito à educação foi negado pela própria condição de terem que usar sua infância para trabalhar. Com pouco ou nenhum estudo, jovens e adultos trabalhadores ficaram limitados a ocupações

informais ou ao subemprego, ou são os primeiros a serem demitidos quando as empresas querem cortar custos. Até que vem a EJA oferecer alguma formação.

O cenário do desemprego estrutural tem excluído principalmente esses sujeitos da economia capitalista mundial. Ao mesmo tempo em que isso acontece, essa situação tem levado os setores populares a resistir e a desenvolver formas alternativas de geração de trabalho e renda para garantir a estes sujeitos desempregados sustentabilidade e sobrevivência. Ou seja, os setores populares têm constituído iniciativas econômicas como resposta a este cenário. Origina-se e reforça-se aí a possibilidade de construção de um novo vínculo entre a educação e o trabalho, pois certamente, podemos traçar e conceber outra perspectiva para o trabalho pedagógico na EJA e na educação em geral que não represente uma relação direta entre a conexão da educação decorrente de um novo trabalhador, formado a partir das mudanças do mundo do trabalho capitalista.

Paulo Freire em sua obra *Pedagogia da Autonomia* retrata muito bem a atual situação da sociedade com relação ao sistema capitalista, como tem sido a relação entre oprimidos e opressores, ou seja, entre os que só detêm força de trabalho sendo oprimidos pelas pessoas que detêm capital e poder. E assim como Freire, a economia solidária acredita na educação como meio de conscientização para libertação das pessoas que vivem sob esse sistema opressor. Assim, o grande destaque para a superação da situação é trabalhar a educação como prática de liberdade, ao contrário da forma “bancária” que é prática de dominação e produz o falso saber, ou seja, aquele incompleto ou sem senso crítico. E refletindo sobre o contexto do EJA, que é um público alvo desse sistema, a educação deve ser problematizadora, onde a realidade do educando é inserida no contexto educativo, sendo valorizado o diálogo, a reflexão e a criatividade, de modo a construir a libertação.

Uma sociedade com pessoas que não se submetem à opressão, com uma educação mais humana e revolucionária, onde além de amor, humanidade e fé, haja também um senso crítico, investigativo, reflexivo, e o educando seja sujeito do seu pensar, da sua história, comprometido com sua ação no mundo, aí haverá uma nova economia e uma nova sociedade. E pensando no EJA, Freire destaca ainda a importância dos educadores assumirem uma postura revolucionária, passando a conscientizar as pessoas da ideologia opressora, motivando-as a transformar as realidades a partir da união e da organização, instaurando o aprendizado da pronúncia do mundo, onde o povo diz sua própria palavra e conseqüentemente age para seu próprio modo de produção com qualidade de vida, como anseia a economia solidária. Portanto, de acordo com Vivian (1999), a aproximação entre os eixos investigativos: educação de jovens e adultos e uma alternativa de geração de trabalho e renda reflete-se como

possível e capaz de construir novas bases para a educação. Essa aproximação é um caminho para a transformação, ou seja, uma nova possibilidade de se formar uma relação entre a educação e o trabalho, fundamentando a economia e as relações sociais como trajeto possível para a construção do conhecimento e a superação do trabalho como mercadoria precarizada. E essa relação se traduz como um movimento que colabora na formação humana do sujeito, pois uma educação que procura desenvolver a autonomia intelectual, moral e social é uma educação comprometida com uma prática emancipatória e com um projeto democrático de sociedade.

## 2.5 Economia Solidária

A economia solidária é um modo específico de organização de atividades econômicas. Ela se caracteriza pela autogestão, ou seja, pela autonomia de cada unidade ou empreendimento e pela igualdade entre os seus membros.

Existem diferentes autores que se dedicam à conceituação da economia solidária, sendo que os dois principais são Paul Singer e Euclides Mance. Singer propõe que a economia solidária seja uma estratégia possível de luta contra as desigualdades sociais e o desemprego: "A construção da economia solidária é uma destas outras estratégias. Ela aproveita a mudança nas relações de produção provocada pelo grande capital para lançar os alicerces de novas formas de organização da produção, à base de uma lógica oposta àquela que rege o mercado capitalista. Tudo leva a acreditar que a economia solidária permitirá, ao cabo de alguns anos, dar a muitos, que esperam em vão um novo emprego, a oportunidade de se reintegrar à produção por conta própria individual ou coletivamente..." (SINGER: 2000 p. 138).

Já de acordo com Mance, o conceito vai além e agrega ao conceito a noção não apenas de geração de postos de trabalho, mas sim uma colaboração solidária que visa a construção de sociedades pós-capitalistas em que se garanta o bem-viver de todas as pessoas: "...ao considerarmos a colaboração solidária como um trabalho e consumo compartilhados cujo vínculo recíproco entre as pessoas advém, primeiramente, de um sentido moral de corresponsabilidade pelo bem-viver de todos e de cada um em particular, buscando ampliar-se o máximo possível o exercício concreto da liberdade pessoal e pública, introduzimos no cerne desta definição o exercício humano da liberdade...".

Nos primórdios do capitalismo, o modelo apresentado mostrava que o empregado era tido unicamente como propriedade do empregador, separado das forças produtivas que detinha ou utilizava. O conceito que pode ser empregado pela economia popular solidária é: “o conjunto de empreendimentos produtivos de iniciativa coletiva, com certo grau de democracia interna e que remuneram o trabalho de forma privilegiada em relação ao capital, seja no campo ou na cidade. Tolerar ou mesmo estimular a formação de empreendimentos alternativos aos padrões capitalistas normalmente aceitos, tais como cooperativas autogeridas é, objetivamente falando, uma forma de reduzir o passivo corrente que se materializa em ondas crescentes de desemprego e falências. (...) Tais empreendimentos encontram potencialmente no trabalho coletivo e na motivação dos trabalhadores que os compõem, uma importante fonte de competitividade reconhecida no capitalismo contemporâneo. Enquanto no fordismo a competitividade é obtida através das economias de escala e de uma crescente divisão e alienação do trabalho associadas a linhas produtivas rígidas – automatizadas ou não –, na nova base técnica que está se configurando, uma importante fonte de eficiência é a flexibilização.” (GAIGER: 2002, p. 64)

Para Paul Singer, a definição da economia solidária está ligada à relação entre o trabalhador e os meios de produção, sendo que “a empresa solidária nega a separação entre trabalho e posse dos meios de produção, que é reconhecidamente a base do capitalismo. (...) A empresa solidária é basicamente de trabalhadores, que apenas secundariamente são seus proprietários. Por isso, sua finalidade básica não é maximizar lucro, mas a quantidade e a qualidade do trabalho”.

A economia solidária, então, apresenta-se como uma reconciliação do trabalhador com seus meios de produção e fornece, de acordo com Gaiger (2003), uma experiência profissional fundamentada na equidade e na dignidade, na qual ocorre um enriquecimento do ponto de vista cognitivo e humano. Com as pessoas mais motivadas, a divisão dos benefícios definida por todos os associados e a solidariedade, “o interesse dos trabalhadores em garantir o sucesso do empreendimento estimula maior empenho com o aprimoramento do processo produtivo, a eliminação de desperdícios e de tempos ociosos, a qualidade do produto ou dos serviços, além de inibir o absenteísmo e a negligência” (GAIGER: 2002, p. 34).

Um dos conceitos, então, que está intrinsecamente ligado à realização de um empreendimento solidário é o de desenvolvimento local. Com a tendência de aumento do rendimento do trabalho associado, há a busca por promover o desenvolvimento local dos

aspectos econômico e social, sendo que este se define como o “processo que mobiliza pessoas e instituições buscando a transformação da economia e da sociedade locais, criando oportunidades de trabalho e renda, superando dificuldades para favorecer a melhoria das condições de vida da população local” (JESUS, in: CATTANI: 2003, p. 72).

Segundo Gaiger (2002), quatro características econômicas fazem parte do modo de produção capitalista. Elas são: produção de mercadorias com único objetivo de comercialização, separação dos trabalhadores dos meios de produção, transformação do trabalho em mercadoria por meio do empregado assalariado e existência do lucro e da acumulação de capital por parte do empregador que detém os meios de produção.

Com tudo isso, principal elemento do modelo capitalista é ser desigual e combinado, onde parte dos trabalhadores é bem sucedida, o restante perde suas qualificações e muitos se tornam miseráveis (Singer, 2004). Isso se dá devido a uma crescente valorização da competição, que, ao contrário do senso comum, não é antagônica à cooperação. Ambas coexistem e o que caracteriza o modo de produção em que a sociedade se baseia é a predominância de uma ou outra. Quando a competição sobressai em relação à cooperação, a grande tendência é a exclusão daqueles que fracassam ou não estão aptos, enfraquecendo o ambiente sistemicamente. Em contrapartida, quando a cooperação preside as relações, cria-se um ambiente tolerante e igualitário, tornando possíveis processos de recuperação de economias abaladas (MYRDAL, in: ARROYO: 2008).

A economia solidária, conforme Wautier (In: CATTANI: 2003, p. 110), é orientada do ponto de vista sociológico e “acentua a noção de projeto, de desenvolvimento local e de pluralidade das formas de atividade econômica, visando à utilidade pública, sob forma de serviços diversos, destinados, principalmente, mas não exclusivamente, à população carente ou excluída”.

Pode-se dizer também que é fundada em relações nas quais as práticas de solidariedade e reciprocidade não são utilizadas como meros dispositivos compensatórios, mas sim fatores determinantes na realidade da produção da vida material e social.

## **2.6 Economia Solidária no Brasil**

O movimento de economia solidária tem crescido de maneira muito rápida, não apenas na Europa e no Brasil, mas também em diversos outros países.

O seu crescimento no contexto brasileiro se deve a fatores variados, dentre os quais vale destacar a resistência de trabalhadoras e trabalhadores à crescente exclusão, desemprego urbano e desocupação rural resultantes da expansão agressiva dos efeitos negativos da globalização da produção capitalista. Tal resistência se manifesta primeiramente como luta pela sobrevivência, na conformação de um mercado informal crescente, onde brotam iniciativas de economia popular tais como a atuação de camelôs, flanelinhas, vendedores ambulantes etc., normalmente de caráter individual ou familiar. Com a articulação de diversos atores, essa resistência também se manifesta na forma de iniciativas associativas e solidárias voltadas também à reprodução da vida, mas que vão além disso, apontando para alternativas estruturais de organização da economia, baseada em valores como a ética, a equidade e a solidariedade e não mais no lucro e acúmulo indiscriminado.

Verifica-se no Brasil, durante a última década, a crescente organização da economia solidária enquanto um movimento – ou seja, ultrapassando a dimensão de iniciativas isoladas e fragmentadas no que diz respeito à sua inserção nas cadeias produtivas e nas articulações do seu entorno, e orientando-se para a articulação nacional, a configuração de redes locais e o estabelecimento de uma plataforma comum. Essa tendência dá um salto considerável a partir das várias edições do Fórum Social Mundial, espaço privilegiado onde diferentes atores, entidades, iniciativas e empreendimentos puderam construir uma integração que desembocou na demanda ao então recém-eleito presidente Lula pela criação de uma Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES). Simultaneamente à criação desta Secretaria, foi criado, na III Plenária Nacional de Economia Solidária, o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES), representando este movimento no país. A criação dessas duas instâncias, somada ao fortalecimento do campo da economia solidária no interior da dinâmica do Fórum Social Mundial, consolida a recente ampliação e estruturação desse movimento.

### 3 METODOLOGIA

Trabalho sobre às dificuldades dos professores da educação de jovens e adultos e a economia solidária tem como objetivo pesquisar e analisar dificuldades encontradas em sala de aula pelos educadores da EJA.

O estudo proposto possibilita uma reflexão acerca da Educação de jovens e adultos na perspectiva libertadora, diante da pesquisa qualitativa e quantitativa *in locus*, visto que a mesma tem por objetivo compreender, analisar e interpretar o processo de ensino e aprendizagem pela ótica dos desafios enfrentados pelos docentes.

Escolheu-se como instrumentos de coleta de dados o questionário e a entrevista aberta, pois ambos oferecem oportunidades de coletar inúmeras informações pertinentes a abordagem da temática, o que possibilita construir um olhar consistente sobre a realidade na qual os sujeitos se inserem.

A metodologia em EJA deve considerar os saberes e o senso comum aproximando os conteúdos com a vida dos educandos na sua prática, fazendo com isso que percebam a importância da aprendizagem. Como diz Pistrak (2000, p.44):

Conhecer e perceber o contexto de vida. Para ele o ensino deve ser articulado com o trabalho por entender que seria a única forma de construir homens capazes de transformar a realidade de exploração em que vivem.

Definiu-se como sujeitos de investigação da pesquisa, vinte e dois professores do ensino médio das classes da educação de Jovens e Adultos , implantado pelo governo do Estado da Paraíba, funcionando no período noturno na Escola Estadual de Ensino Médio Orlando Venâncio dos Santos, Rua quinze de novembro s/n, Centro.

A Escola Estadual de Ensino de Ensino Médio Orlando Venâncio dos Santos, situada na cidade de Cuité – PB, na rua XV de Novembro, s/n, funciona nos três turnos, manhã, tarde e noite, com ensino médio nos turnos da manhã, tarde e noite, e Educação de Jovens e Adultos (EJA) apenas pela noite, com uma turma de primeiro ano , duas de segundo ano e duas de terceiro ano

#### 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após a aplicação do questionário com os professores o principal problema identificado na pesquisa foi a falta de capacitação dos docentes. Dos professores pesquisados, 32% discorreram sobre as necessidades de receberem treinamento específico para o atendimento nessa modalidade de ensino.

Mais da metade dos entrevistados, 55% dos professores investigados responderam que não têm formação específica. Afirmam que falta um planejamento adequado e livros didáticos adequados para essa modalidade.

Quanto às dificuldades dos professores relatados, podemos destacar alguns pontos:

Primeiro, encontram dificuldades no que diz respeito a falta de um currículo voltado propriamente para esta modalidade e que por esta falta acontece que cada um procede quase que de forma individual.

Segundo, pelo fato de que observam que toda e qualquer pessoa pode dar aulas no EJA, situação que desvaloriza o trabalho de um ponto de vista geral.

Terceiro, há a falta de um material desenvolvido para a modalidade EJA no ensino médio com conteúdos programados de forma inteligente.

Quarto, é que os professores, enfrentam ainda uma situação difícil de lidar, pois uma grande parte dos alunos é de pessoas quase que completamente analfabetas o que leva a enfrentar dificuldades na explanação e exploração do que se pretende repassar.

Quanto aos alunos, enfrenta-se enormes dificuldades pelo fato de que uma grande maioria deles, apesar de esforços em conscientizá-los, ainda permanece sem ter a noção exata do que seja a modalidade EJA. Na prática, alunos se comportam como se fossem coitados e necessitados apenas de notas.

Ainda no que diz respeito aos alunos, eles são em sua maioria pouco alfabetizados e, por conseguinte bastante desmotivados.

Entende-se que a modalidade EJA deveria funcionar em escolas voltadas para aquele público específico e com uma equipe de profissionais também preparada tecnicamente para lidar com o referido público.

Apontarmos defeitos ou falhas nesta modalidade de ensino, porém o que destacamos como uma grande dificuldade que os profissionais enfrentam, é que ela desaguou um equívoco só, tanto por parte dos alunos como por parte das escolas, diga-se direção, como por parte de muitos dos próprios professores, uma vez que se cultivou a cultura da facilitação e da



desvalorização desta modalidade. Na prática, é como se o aluno, não aprende ou não quer aprender, não se preocupe, eu sempre procura dar um jeito.

Os desafios que se apresentam quando o profissional aceita uma ou mais turmas de EJA são numerosos e grandiosos. Entenderam alguns que constantemente tomam e afligem os pensamentos enquanto professor.

Em geral, o profissional é lançado ao EJA para desbravar horizontes desconhecidos, mas logo notamos que o EJA exige de nós nova postura, nova visão, novo preparo. Seria de fundamental importância que o educador passasse por uma capacitação específica para abordagem do EJA. Há muitas dúvidas se erros recorrentes que poderiam ser somados através de uma preparação prévia do professor.

Para finalizar destacamos que é muito recorrente o docente se deparar com a ausência de um material didático específico para o conteúdo programático da EJA. Sabemos que a distribuição e quantidade de conteúdo para este tipo de ensino devem ser diferenciadas, mas com uma falta de orientação e de material de apoio pedagógico torna ainda mais arduo nosso trabalho de aplicação de uma dinâmica condizente com as intenções do EJA.

Esses são algumas das dificuldades apresentadas na análise dos questionários aplicados aos professores.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possibilitou refletir sobre as reais necessidades do professor para sua atuação com turmas de educação de jovens e adultos. Como já mencionado anteriormente, não é um trabalho que está pronto e acabado, mas que abriu “janelas” para melhor planejar sobre a formação do educador na EJA levando-o a assumir uma prática pedagógica contextualizada por meio do círculo da cultura, valorizando os contextos históricos e sociais de vida dos educandos.

Por meio dele, foi possível constatar que o educador precisa ser marcante e atuar como referência na vida dos seus educandos; ser um diferencial para os alunos, que, mesmo possuindo anos de experiência e tendo adquirido algum conhecimento de vida, muitos deles não possuem uma visão crítica sobre a realidade na qual estão inseridos, não sendo capazes de reivindicar seus direitos e cumprir seus deveres como cidadãos pertencentes a uma sociedade.

A educação é um ato de amor em que o professor é o transmissor desse sentimento o qual busca o diálogo, o respeito, a valorização, a coletividade, a troca de experiências e principalmente um amor que se transforme em ato de cumplicidade pela qualidade de vida dos envolvidos.

Acreditamos que o educador, para ser marcante e inesquecível, na educação de jovens e adultos, precisa amarem aquilo que faz, ou seja, ter vontade e gostar de atuar com essa faixa etária diferenciada; precisa ser criativo, dinâmico, qualificado, como também buscar capacitações para melhorar sua prática pedagógica utilizando a própria realidade de vida dos educandos para trabalhar os conteúdos a serem ensinados em suas salas de aula.

Assim, ao encerrar esta monografia, argumentamos sobre a importância de se trabalhar a teoria apropriada a uma pedagogia contextualizada na EJA, por meio de uma prática calcada numa postura reflexiva, considerando que o educador nessa modalidade de ensino precisa ser um constante pesquisador, sustentado por estudos teóricos e práticos que se vinculem a sua prática pedagógica.

Podemos concluir que a educação de jovens e adultos é um processo por meio da qual o indivíduo usufrui a sua própria história, a fim de almejar uma perspectiva de vida melhor. Isso é possível mediante a confiança que o professor pode depositar no educando, na sua capacidade de aprender, de descobrir, de criar soluções e de enfrentar desafios.

Para tanto, é necessário que tenhamos novas práticas educativas com os educandos jovens e adultos, a fim de que o aprendizado seja significativo para eles. Segundo as posições dos professores informantes desta pesquisa e dos teóricos estudados, relativamente à busca de

novas práticas educativas, devemos refletir sobre como funciona o processo de educação para os jovens e adultos em nossos dias. A aprendizagem significativa se dá por meio de um processo de construção do conhecimento calcado em uma interação do contexto da realidade do educando e envolve, também, questões de ordem lógico-intelectual, afetiva, sócio-cultural, política e técnica.

Baseados nessas reflexões, podemos considerar, ainda, que a educação de jovens e adultos, para que obtenha resultados significativos, principalmente com os educandos, carece de professores que busquem tecnologias adequadas à realidade desses alunos. Neste contexto, o papel do educador é o de mediador do processo de aprendizagem, que prioriza a bagagem de conhecimentos trazida por seus alunos, e os ajuda, de forma interativa, a transporem esse conhecimento para o “conhecimento letrado”

### **5.1 Como trabalhar a Educação Solidária na Educação de Jovens e Adultos**

De acordo com o que foi estudado nesse trabalho observamos que se faz necessário aos educadores da Educação de Jovens e Adultos buscarem novas metodologias que ajudem na compreensão e transformação da realidade dos nossos educandos tendo em vista que os mesmo não estão sendo preparados para coexistir no mercado capitalista. É nesse contexto que se insere a Economia Solidária uma vez que esta possibilita uma aproximação entre o que se faz na escola e o que se vive no cotidiano, estabelecendo um dialogo pratico entre as experiências escolares e as experiências cotidianas. A Economia Solidária mostra uma sociedade que privilegia e dá espaço a valorização do trabalho e não ao capital onde o patrão é o dono do lucro. Ela denuncia tanto a exploração do trabalho, como o sistema opressor que fragmenta o ser humano.

Como educadora da Educação de Jovens e Adultos observamos que a Economia Solidária pode ser inserida no currículo do referido processo, levando em consideração que os educandos trazem consigo uma imensa carga de conhecimentos, que no atual sistema escolar tradicional não é considerado importante. Faz-se necessário que esses conhecimentos sejam analisados e trabalhados de forma que os educandos percebam que através do que eles sabem fazer é possível mudar sua realidade e que são capazes de crescerem profissional social e intelectualmente sem serem escravos do sistema capitalista.

Após as observações feitas nesse contexto, constatamos que podem ser feita uma apresentação das habilidades de cada educando, possibilitando conhecer experiências exitosas que sirva de incentivo. Para isto se faz necessário que os educadores saibam que existem experiências positivas bem pensadas por vários grupos, e que estes sirvam de motivação para quem almeja vivenciar uma nova experiência, tanto para o educador como para o educando. E a partir dessa vivencia organizar em sua sala de aula grupos com interesses afins para que mostre seus talentos e se conscientizem que estes trabalhos podem servir como renda para sua sustentabilidade onde todos têm os direitos iguais.

Portanto diante desse estudo a Economia Solidaria nasce como uma possibilidade de transformação desses sujeitos inseridos nesse sistema capitalista.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, João Carlos Tupinambá; SCHUCH, Flávio Camargo. Economia popular e solidária. São Paulo: Perseu Abramo, 2006. p. 21

ARRUDA, A. Pesquisa em representações sociais: a produção em 2003. Em M. M. S.S. Menin, & A. M. Shimizu. (Orgs.), **Experiência e representação social** (pp. 59-92). São Paulo: Casa do Psicólogo.

BELO, Lindivalda Sales de Souza. Educação de Jovens e Adultos e seus desafios. Net, CADERNOS DE EXTENSÃO/Universidade Federal de Roraima, Pró-Reitoria de Extensão, Boa Vista, v.1, n.2, jul. - dez. 2005.

DEMO, Pedro. **Saber pensar**. São Paulo: Cortez. Instituto Paulo Freire, 2002.

Economia solidária: um modo de produção e distribuição. In: SINGER, Paul & SOUZA, André R. de. A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo, Contexto, 2000c.

FAZENDA, Ivani. Interdisciplinaridade: qual o sentido? São Paulo: Paulus, 2003.

FREIRE, P. *Pedagogia da autoestima* - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 15° ed. São Paulo : Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. Educação de Adultos: algumas reflexões. In: GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José (Orgs.). Educação de Jovens e Adultos: **teoria, prática e proposta**. Cortez: Instituto Paulo Freire, 2006. P. 15-17.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: Ensinar-e-aprender com sentido**. São Paulo: Livraria e Instituto Paulo Freire, 2008

HARGREAVES, Andy; FULLAN, Michael. A escola como organização aprendente. Buscando uma Educação de Qualidade. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

LAVILLE, Jean-Louis; GAIGER, Luiz Inácio. Economia Solidária. In: CATTANI, A.D. et al. (coord.) Dicionário Internacional da Outra Economia. Coimbra: Almedina, 2009. p. 162-168.

MANCE, Euclides André. A revolução das redes: a colaboração solidária como uma alternativa pós-capitalista à globalização atual. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 178.

MOLL, Jaqueline. Alfabetização de Adultos: desafios à razão e ao encantamento. In: MOLL, Jaqueline (Org.). **Educação de Jovens e Adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2004. P. 9-17.

PISTRAK, M. Fundamentos da escola do trabalho. SP: Expressão Popular, 2000.

SINGER, Paul. Introdução à Economia Solidária. São Paulo: Perseu Abramo, 2002. p. 4.

SOARES, Claudia Lúcia Bisaggio. Moeda Social. In: CATTANI, A.D. et al. (coord.) Dicionário Internacional da Outra Economia. Coimbra: Almedina, 2009. p. 255-259.

VIEIRA, Maria Clarisse. Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de jovens e adultos – Volume I: aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil. Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

VIVIAN, Danise. Institucionalização e Criação na EJA: perscrutando caminhos afirmativos no Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos Paulo Freire em Porto Alegre. In: HADDAD, Sérgio (Org.). Novos Caminhos em Educação de Jovens e Adultos – EJA: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras. São Paulo: Global, 2007. P. 2749. Revista HISTEDBR On-line Artigo

VYGOTSKY, Luria. - **Psicologia e Pedagogia**. Lisboa, Estampa, 1977.